

PRINCIPAIS CAUSAS DE PERDAS GESTACIONAIS NA ESPÉCIE EQUINA: REVISÃO

INTRODUÇÃO

Perdas gestacionais são problemas usuais na equinocultura, gerando grande preocupação entre os profissionais da área, uma vez que ocasionam perdas econômicas consideráveis no setor do agronegócio, ademais representam custos adicionais para pequenos e grandes produtores, decorrentes das repetidas coberturas de éguas durante o período reprodutivo, além da diminuição no nascimento do número de potros.

As perdas gestacionais são um dos principais aspectos concernentes à subfertilidade de equinos. Tanto problemas na gestação, quanto a ocorrência de perdas, estão significativamente relacionadas à saúde do trato reprodutivo materno. A perda precoce do conceito na espécie equina ocorre entre 5 e 45% das gestações e de forma significativa, vêm afetando a eficiência reprodutiva do rebanho equino (Duarte, Vieira & Silva, 2002). Segundo Brinsko et al. (2011), as perdas embrionárias estão relacionadas a problemas de origem materna, fetal e/ou ambiental. Watson (2000) relata que a endometrite é uma causa bastante corriqueira de perda embrionária precoce.

Devido à importância e aos prejuízos econômicos significantes que as perdas gestacionais ocasionam aos criadores de equinos, visou-se realizar uma revisão bibliográfica sobre as afecções mais comuns que resultam em perda de prenhez precoce e tardia na espécie equina.

METODOLOGIA

Decorrente do grande prejuízo econômico na reprodução e aos números alarmantes de perdas gestacionais em espécies equinas, a sistemática adotada na elaboração deste estudo foi realizar uma revisão bibliográfica, a fim de se relatar as principais causas das perdas embrionária em éguas.

REVISÃO DE LITERATURA

As perdas precoces são mais decorrentes que as tardias, e são atribuídas a aspectos materiais, ambientais e embrionários. Os aspectos materiais abrangem alterações de trato reprodutivo, idade da égua, deficiência de progesterona, momento da cobertura, estado reprodutivo, falha no reconhecimento materno da gestação, cobertura no cio do potro, entre outros. Já aspectos ambientais compreendem estresse materno, nutrição e efeito do sêmen. E as perdas de prenhez tardias possuem menor ocorrência e são atribuídas mormente a desordens infecciosas relacionadas a interações feto-placentárias, como as placentites de origem ascendente. Herpesvírus equino tipo I e leptospirose são as causas infectocontagiosas mais comuns, tornando imprescindível o controle sanitário e a vacinação do plantel.

Foi constatado um índice de perda de prenhez de 9,05% entre 15 e 45 dias pós-inseminação. Um estudo conduzido por Taveiros, encontrou resultados semelhantes, onde 879 éguas foram artificialmente inseminadas e dentre essas, 10,7% perderam conceito entre 16 e 45 dias de gestação. De acordo com Guinter et al. (1985), essas taxas são mais altas quando comparadas com as perdas em estágios gestacionais mais avançados.

A ocorrência de perda fetal após 50 dias de gestação ocorre em menor proporção, girando em torno de 8% (Pycoc, 2008). No Brasil um estudo realizado no Paraná observou que 9,2% das perdas econômicas em criatórios de equinos foi devido a abortamentos (Moreira et al., 1998). Pereira (2012) ao analisar protocolos de necropsias observou uma taxa de 6,2 % de abortamentos, sendo a maioria de origem bacteriana, seguida de causas virais e parasitárias. No entanto, segundo Brinsko et al. (2011) cerca de 60% dos casos de abortamento permanecem com etiologia desconhecida.

É imprescindível conhecer as causas que levam à perda gestacional e monitorar o desenvolvimento do feto e embrião. Dessa maneira, é possível detectar problemas em estágio inicial, evitando a perda. Ou seja, caso já

tenha ocorrido, deverão ser adotadas medidas para que o problema seja minimizado.

Há vários aspectos que levam à égua a interromper a gestação, segue uma lista com as causas mais comuns.

Perdas Gestacionais Precoces

- Endometrite
- Fibrose periglandular e os cistos uterinos
- Deficiência de progesterona
- Idade Materna
- Lactação
- Cobertura no cio do potro
- Momento da inseminação em relação à ovulação
- Falha no reconhecimento materno da gestação
- Alterações cromossômicas maternas
- Estresse
- Nutrição
- Fatores relacionados ao sêmen e considerações sobre as biotecnologias da reprodução

Perdas Gestacionais Tardias

- Herpesvírus equino tipo I
- Leptospirose
- Placentites
- Gestação gemelar
- Torção uterina
- Torção de cordão umbilical
- Ruptura do tendão pré-púbico e hérnia da parede abdominal
- Hidroalantóide

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fundamental a investigação das causas de perda gestacional em éguas, para prevenir novas ocorrências e diminuir o prejuízo ao criador. Para a interrupção da gestação precoce, o melhor diagnóstico se dá por meio do exame complementar de ultrassonografia, uma vez que é um exame indolor e não invasivo e é possível acompanhar detalhes sobre a saúde da égua e do feto, como: mudanças na formação do feto, identificação do sexo do animal, escutar os batimentos do coração, ver o desenvolvimento fetal, examinar o sistema reprodutivo da fêmea e reconhecer a idade reprodutiva da égua, além de rapidamente identificar caso tenha ocorrido a morte embrionária. Já para a perda gestacional tardia, o exame ginecológico por meio da palpção transretal é considerado o exame mais indicado. Essencial que haja práticas de manejo adequadas como higiene sanitária e a vacinação do plantel contra as principais enfermidades. Deve-se evitar introdução de novos animais no rebanho sem quarentena; as biotecnologias realizadas por profissionais capacitados; éguas destinadas à reprodução devem ter acompanhamento regular, e sempre que diagnosticado alguma alteração que caracterize risco materno ou fetal, o tratamento deve ser realizado por um médico veterinário. O feto e a placenta devem ser considerados materiais de risco para contaminação de novos animais, devendo ocorrer manejo e descarte adequados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SENA, L. M., MERCHID; N. C. L.; ALMEIDA, ÍTALO C. D., SANTOS, J. D., e MARTINS, C. B. (2016). Principais causas de perdas gestacionais na espécie equina: Revisão. PUBVET, v.10, n.12, p.933-945, Dez., 2016.